



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**BEATRIZ VAZ E SILVA**

**(depoimento)**

**2014**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Número da entrevista:** E-439

**Entrevistada:** Beatriz Vaz e Silva

**Local da entrevista:** Centro Olímpico, São Paulo

**Entrevistadoras:** Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

**Data da entrevista:** maio 2014

**Transcrição:** Bruna Sacchi Fraga

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** não informado

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada
---

## **Sumário**

Como começou a jogar futebol e trajetória no esporte; Situação atual do futebol feminino; Falta de apoio; O preconceito e a falta de apoio entre as próprias jogadoras; Diferenças entre as jogadoras em termos de classe social e escolaridade; Visibilidade e rentabilidade do futebol feminino; Importância do interesse de público; Preconceito na atualidade; Momentos marcantes vividos no futebol; Sentimento de jogar na Seleção Brasileira; Planos após a aposentadoria no futebol; Importância do Guerreiras Project na sua trajetória; O valor simbólico da Copa do Mundo de 2015 para o futebol feminino.

Beatriz - Meu nome é Beatriz, eu tenho 28 anos, sou atleta da Ferroviária<sup>1</sup> hoje. Eu comecei jogando futebol pequeninha, porque meu pai adorava e eu ia sempre com ele nos campos. Ele me levava para tudo quanto é lugar... E eu jogava com os meninos na rua... Quando eu comecei a poder sair e fazer as “coisinhas”, então, eu jogava futebol na rua com os meninos. Na escola eu também jogava com os meninos, mas meu professor de Educação Física era um querido, sempre apoiava e incentivava. Com 15 anos eu fui para o Juventus<sup>2</sup> e fiquei lá um ano, daí consegui uma bolsa de estudos e fui para a faculdade. Terminei a faculdade em 2008, consegui outra bolsa de estudos e fui para Oklahoma nos Estados Unidos. Quando eu voltei de lá aconteceu minha primeira convocação para a Seleção principal, foi em 2009. Eu vim de férias para cá e acabou calhando de ter um torneio e eu conseguir ir. Então foi a primeira convocação e foi muito legal, porque sempre foi um sonho e aconteceu de maneira inesperada. Depois eu voltei para o Brasil e fui para Foz do Iguaçu e fiquei três anos no Foz<sup>3</sup>, foi quando eu vim para o Ferroviária no ano passado e estou aqui até agora.

Caitlin - Você pode falar um pouco sobre futebol feminino no Brasil, Já me falaram sobre preconceito e... Qual é sua expectativa, olhando para trás, sobre desenvolvimento do futebol feminino, da modalidade. E olhando agora o presente o que você pensa do futuro?

Beatriz - É eu vejo muito que as pessoas perguntam se tem apoio ou se não tem apoio, mas... Esses dias, eu nem sei por que, eu estava conversando com as meninas, e a gente acabou caindo nessa discussão e a gente falou: “Poxa, todo mundo fala que não tem apoio futebol, não tem apoio.” Os pais, os vizinhos, enfim, os amigos... Mas quando você pergunta para eles: “Você já foi em algum jogo, você já foi no nosso jogo, você já foi em algum treino?” Eles falam: “Não.” Então eu fico pensando, se as pessoas próximas, que são muito próximas não dão esse suporte, como a gente vai conquistar outros públicos e outros alvos? Não tem como. Se todos os amigos, se as pessoas fossem nos campos, talvez a gente pudesse colocar 2, 3, 4 mil pessoas lá dentro e, de alguma forma, isso iria chamar atenção. Mas não acontece. Então a maioria das vezes que você vai para o campo são os pais ou uns amigos mais próximos, enfim, família. E quem está com você lado a lado todos

---

<sup>1</sup> Associação Ferroviária de Esportes.

<sup>2</sup> Clube Atlético Juventus.

<sup>3</sup> Foz Cataratas Futebol Clube.

os dias. A perspectiva ainda do futebol feminino no Brasil acho que vai demorar muito para ser organizado e para que as pessoas realmente se importem e tentem mudar as coisas aqui. Eu sinceramente não sei onde a gente está errando para que falte tanto apoio, para que falte tanto apoio... Falta interesse de patrocínio. Não sei, sinceramente, de que forma a gente pode ajudar. Por isso o projeto<sup>4</sup> tem feito tanta diferença, principalmente para mim, porque tem me feito refletir sobre muitas coisas, e tentar... Onde eu estou ali perto tentar mudar o pensamento das pessoas. Está muito forte isso hoje em dia com algumas meninas, e eu espero que parta da gente para...

Nadja - Você falou uma coisa interessante que quem está perto não apoia, não é? Porque estou conhecendo muita gente que joga futebol... As meninas universitárias, elas mesmo não têm interesse, elas não conhecem futebol nacional. Então você acha que esse preconceito já está tão arraigado nas meninas que elas têm vergonha de falar que vão assistir o futebol feminino? O que você acha, desconhecendo tantas meninas que jogam, mas que elas mesmas não acompanham. De quem pode ser a culpa e a solução? Não a solução... Mas o envolvimento? O que você acha disso, acha que é isso ou não?

Beatriz - Nossa que difícil essa pergunta.

Nadja - Não, mas você acha que é isso, as meninas que jogam, as outras... Não profissional, no universitário mesmo, você vai conversar com as meninas, elas não sabem nem o nome das meninas da Seleção. Às vezes, é óbvio, não as que se interessam. Então, não colocar a culpa no outro, não é?

Beatriz - Eu acho que falta muito o interesse da gente como atleta, também, de saber o que a outra está fazendo, de respeitar o que elas já fizeram. Poxa, tem meninas que agora, nesse momento, não estão indo para a Seleção, mas quantas coisas elas já fizeram jogando futsal. Porque naquele momento era o que dava sustento, porque naquele momento estava precisando de atleta, porque no campo às vezes é muito difícil. Então no futsal, por ser menos meninas no time, o orçamento é menor e talvez consiga caminhar um pouco mais do que no campo feminino. Mas isso que você falou é verdade, falta muito apoio da gente

---

<sup>4</sup> Guerreiras Project é um coletivo que reúne atletas, artistas, acadêmicas e ativistas que realizam atividades em torno do futebol feminino e reflexões sobre gênero.

como atleta, de dar suporte para as outras meninas, de poder apoiar de alguma forma. Como ajudar ou como mudar isso eu, sinceramente, não tenho uma conclusão ou solução. Acho que vai ser com o passar do tempo, quando as coisas passarem a se estruturar melhor, ou se a gente passar respeitar a outra como elas devem ser respeitadas, com toda a história e todas as dificuldades. E perceber que só se faz um futuro ou um presente se tem outras coisas por trás, se vem outras histórias por trás.

Nadja - Tem uma coisa também, o Brasil é um país tão dividido socialmente, você tem uma história que você também veio do universitário que é às vezes muito diferente de algumas meninas. Você pode dizer que é privilegiada nesse sentido assim? Muitas meninas elas não terminam nem o Ensino Fundamental. Você acha que tem alguma coisa que liga essa história, a sua história, mesmo a minha história com as... Por ser mulher. Você acha que tem uma coisa assim que liga essas histórias, essas dificuldades do futebol? Que passa pelas mesmas coisas assim, do preconceito, dessas dificuldades, da família mesmo...

Beatriz - Ah, eu acho que tem muitas histórias parecidas, mas que elas não são ouvidas, porque a gente não tem essa troca de experiências. Isso é o mais rico que tem na vida, é você conhecer o próximo e poder fazer essa troca e... Não sei.

Nadja - Mas você acha que você teve uma história diferente das meninas? Ou a maioria delas também passou por universidade...

Beatriz - Eu acho que sou privilegiada sim, porque meus pais sempre puderam me apoiar muito. Independente se eu fosse para um time que tivesse muitos recursos ou não, eu sabia que tinha eles por trás para me ajudar financeiramente. E estar sempre junto nos jogos, eles adoram, então eles estão sempre perto. E eles sempre bateram o pé, muitas vezes para que eu... Primeiro os estudos e depois o futebol. Porque futebol é assim... A gente está aqui, hoje está jogando e pode se machucar, ou pode acabar o time, a gente não tem continuidade. Então é necessário estudar, é necessário buscar outras coisas. E foi isso que eu sempre tentei, o futebol é uma coisa que eu amo, mas na minha vida eu posso dizer que não foi só o futebol. Mas o futebol me trouxe muitas coisas, muitas coisas, conheci muitos lugares, fiz muitos amigos, pude fazer a faculdade com bolsa, pude viajar para aprender

uma língua com bolsa. Então o futebol foi o caminho que eu usei, mas ele não é e nunca foi só isso. Nunca foi só o futebol para mim.

Caitlin - Você falou que as pessoas tem desinformação... O que você acha sobre visibilidade... Qual a importância da visibilidade?

Beatriz - Precisa ter visibilidade, porque não tem como você... Como qualquer coisa isso aqui é um produto que pode ser vendido, então precisa ter visibilidade. Porque se não tiver, eu não vejo como só por amor as pessoas ajudarem. Precisa sim de investimento, isso é fato, como qualquer outra coisa. Mas para evoluir precisa de pessoas empenhadas que possam fazer uma base forte... Mas eles precisam ter retorno de alguma forma, e o futebol feminino não tem esse retorno. Não é que não tem mas as pessoas, parece que não se interessam em ver que isso pode ter retorno.

Caitlin - Você acha que também a responsabilidade... A importância da pessoa que assiste o futebol feminino e que nunca assistiu antes, que gosta ou conhece uma coisa que achou que não era, já muda a cabeça assim... [INAUDÍVEL] Você acha importante para as meninas ou meninos. Para a geração mais nova ver...

Beatriz - Sim, tem muitas meninas que são exemplos de tantas coisas, como atletas, como... São meninas que sustentam famílias... Novinhas... Tem meninas de vinte, vinte um anos e que sustentam famílias por três anos já. Então essas coisas precisam ser ouvidas, e não tem isso aqui no Brasil. Você não escuta: “Ah eu quero ser igual a uma atleta que você vê aqui todos os dias treinando”. Poxa, ela já fez tantas coisas... Ela pode ser tantas outras coisas. Mas todo mundo quer ser igual a Marta<sup>5</sup>, porque ela é a Marta, lógico, ela tem muitas coisas para oferecer também. Mas tem outras aqui que podem ser exemplos tão maravilhosos como a Marta, mas não são ouvidas, não são vistas e nada. Muita gente que vai num jogo, volta... O pessoal de Araraquara nossa aumentou muito o público, porque eles tem ido e eles têm gostado. E aí chamam o outro, que chamou outro, que vem com a família e que vem com não sei quem e no final está cheio o estádio. E isso tem sido muito legal, porque eles têm vindo aos poucos, as coisas têm acontecido aos poucos.

Caitlin - Fala um pouquinho antes... A falta de apoio... Esse preconceito que existe em volta do futebol feminino. Você acha que melhorou? Que ainda existe, que é a mesma coisa que antes?

Beatriz - Eu acho que existe e ainda está muito forte, porque se não já teriam melhorado as coisas. Já teve muitas oportunidade para as coisas melhorarem. Houve lá a medalha das meninas de prata nas Olimpíadas. Poxa, toda hora você vê times... Meninas saindo daqui para jogar fora, porque aqui não suporta, não comporta o que elas podem a oferecer. Mas está tudo muito “encardido” aqui, sabe? Tudo muito “encardido”, e você não vê a coisa... E aí todo mundo: “Tá melhor o preconceito”. Não, não está melhor o preconceito, porque você ouve pessoas dizendo: “Ah, vale a pena jogar futebol feminino no Brasil?” Poxa, você já perguntou o que eu fiz? Você já perguntou o que as outras meninas fizeram? Ninguém sabe... Ninguém sabe, ninguém sabe! E aí falta de conhecimento, falta de interesse também, com certeza. É muito fácil você pegar o controle da TV, ligar e estar passando lá o jogo do Corinthians<sup>6</sup> e “não sei quem”. Mas poxa, tem outras modalidades, outros esportes, tem outras coisas para serem vistas. Mas parece que é só visto aquilo que está naquela televisão e que passa 24 horas por dia que é o futebol. Ninguém se interessa por outra coisa. Mas eu vejo o tempo todo, pessoal fala que está melhorando, mas não está melhorando, não está melhorando porque não melhora nunca, nunca evolui.

Caitlin - Isso é muito interessante, eu tenho ouvido que o preconceito antes era mais... Pessoas falando: “Ah mulher não pode. Tem que lavar louça”. Estou ouvindo você falando que não é tanto isso agora, mas o preconceito hoje... Que sempre tinha, mas agora é mais o que você falou: falta de investimento, falta de apoio... É isso?

Beatriz - Eu acho que vem... É tudo, Caitlin. É tudo. Eu vejo que é uma soma de muitas coisas: de histórias, do histórico e vejo falta de atitude, falta de melhora, falta de querer melhorar. Parece que é tudo muito cômodo. “Deixa assim mesmo, a gente investe em outra coisa, se passar na TV legal, mas se não passar não importa”. Quantas mil meninas tem jogado? Quantas mil meninas saem da escola correndo e vão para o campo? Fazem outras coisas... Estão saindo do país e estão indo estudar fora? Mas isso não parece ser

---

<sup>5</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>6</sup> Sport Club Corinthians Paulista.



interessante. Interessante é só você ter um patrocínio enorme na frente e por na TV para pessoas ficarem sentadas e assistirem aquilo. Mas não tem interesse por trás, para ver como vidas são modificadas e transformadas através do futebol e através... Aqui jogando, não é? Isso não é visto.

Caitlin - Você acha que hoje em dia as meninas que jogam com você e as mulheres que jogam futebol tem orgulho de falar que: “Eu sou titular da Seleção”?

Beatriz - Eu acho que tem, mas ainda não é... Ainda não vejo quando perguntam: “Ah, o que você faz?” Você encher o peito e dizer: “Poxa, eu sou atleta de futebol” Ainda não vejo isso, e falo por mim, quando me perguntam eu digo: “Sou atleta”. Mas eu não falo: “Eu jogo futebol”. Eu ainda... Eu ainda me vejo nisso, ainda me vejo muito pequena em relação a isso. Espero um dia quando eu puder contar a minha história para meus netos e para meus filhos eu tenha mais motivação para falar. Mas tudo que eu consegui, tudo que eu vi até hoje foi através do futebol, então, eu deveria estar muito orgulhosa. Muito orgulhosa.

Caitlin - Por quê?

Beatriz - Porque ainda existem olhares, quando você fala: “Ah, eu jogo futebol”. Ainda tem muitos julgamentos. As pessoas não querem saber quem você é, eles só olham e falam: “Ó, você é isso aqui que eu estou vendo ou achando que você é”.

Nadja - Então é para se proteger?

Beatriz - Ah, com certeza, é uma proteção.

Nadja - Qual foi o momento no futebol que para você mais marcante na sua história como atleta? Mais emocionante, mais importante...

Beatriz - Ganhar a Copa do Brasil<sup>7</sup> esse ano foi muito legal, porque tinha bastante gente da minha família na arquibancada e isso me deixa muito feliz. Quando eu olho e vejo minha mãe, meu pai, meus irmãos, meus primos, meus tios ali. Isso me deixa muito feliz. E sei que quando eu olho para eles, eles ficam muito orgulhosos. E também o Paulista<sup>8</sup> do ano passado foi muito gratificante, porque a Ferroviária tinha vindo de um projeto novo, que eles montaram um time sem nomes muito conhecidos no futebol feminino. E eles fizeram um trabalho legal e as coisas aconteceram. Então a gente pode afirmar e mostrar que é no coletivo e com todo mundo fazendo sua parte que as coisas funcionam. Não precisa de grandes nomes ou muito dinheiro, não... A gente precisa de pessoas que se interessem e que estejam ali determinadas por um objetivo, e que por trás tenha um grupo forte e que goste de fazer aquilo que faz e que queiram alcançar a meta estabelecida com muita determinação.

Caitlin - O que significa para você o sentimento de jogar na Seleção?

Beatriz - Olha Caitlin, quando fui convocada eu não... Foi meio assustador, eu falei: “Nossa e agora? O que eu faço? Será que eu estou pronta ou será que eu mereço?” E aí quando você vai em algum lugar e as pessoas falam: “Poxa, ó Brasil, elas jogam no Brasil.” Ou quando o hino toca, o sentimento fica muito forte e você fala: “Poxa, que legal que estou aqui, que legal! De alguma forma, estou representando meu país, cantando meu hino e representando tantas meninas que queriam estar nesse lugar, mas que naquele momento é o meu lugar. Eu deveria estar ali naquele minutinho.” Então, nossa! É o sentimento mais bonito que eu poderia sentir como atleta.

Caitlin - Qual é seu sonho agora e o pensamento para depois do futebol?

Beatriz - Ah eu quero pegar muito firme no Guerreiras Project, quero poder contribuir com todo o meu coração de tudo que eu puder contribuir e somar. Quero ver meninas jogando muito orgulhosas, fazendo com muito amor e podendo ter reconhecimento... Não é reconhecimento das pessoas na rua, não, é reconhecimento dentro de casa. E depois desse reconhecimento dentro de casa que as coisas fluem melhor. Então que, principalmente,

---

<sup>7</sup> Copa do Brasil de Futebol Feminino

<sup>8</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

dentro de casa e no bairro, na comunidade que elas estão ali que elas possam ser respeitadas e possam ser vistas com muito carinho.

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

Beatriz - Primeiro o Guerreiras me fez refletir sobre muitos temas e, principalmente, como eu poderia usar tudo que eu vivi até hoje para ajudar de alguma forma. Então tem muitas coisas que a gente conversou, que a gente conversa... A gente do grupo do Guerreiras... Que eu nunca tinha pensado, temas que eu nunca tinha refletido sobre, mas que hoje, principalmente, tem me transformado. Tem me feito refletir, tem feito eu pensar, tem feito eu questionar minhas atitudes. Então mais do que qualquer outra coisa que eu possa fazer agora, tem feito muito bem pra mim como pessoa.

Nadja - Você acha que esse próximo Mundial<sup>9</sup>, do ano que vem e essa... Tá entalado assim nas meninas... Mas acho que muito mais do que pessoal, acho que as meninas sentem como você essa vontade de ganhar. Principalmente para ver as coisas melhorarem para todo mundo, para todos os times. Existe isso assim, este pensamento das atletas, do grupo...

Beatriz - Eu acho que existe sim, porque já está na hora de alguma coisa acontecer e se a gente for esperar só de investimentos, as coisas não vão acontecer. Então tem que partir de forças individuais, de um time que vai ter que trabalhar muito, mas que se jogar empenhada e com muita vontade, eu tenho certeza que as coisas vão acontecer. Então esse mundial que está por vir agora vai ser um... Vai ter que carimbar muitas coisas. Eu torço, torço, torço pra que quem for esteja muito consciente da importância que vai estar representando e vai precisar fazer lá.

Caitlin - E você acha que o Brasil... Se o futebol feminino do Brasil ganha medalha de ouro nas Olimpíadas muda alguma coisa?

Beatriz - Não, não ia mudar, mas ia despertar coisas boas em pessoas. Eu não acho que ia mudar muita coisa, mas eu acredito que algumas pessoas iam querer abraçar e de alguma

forma tentar melhorar. Mas melhorar o... Fazer transformações, que nossa! Falar: “Puxa, isso aqui foi um marco para o Brasil”. Em relação ao futebol feminino, eu ainda acho que não. Sorry.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>9</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino.

